

ARTIGO ORIGINAL

**OS PRIMEIROS REGISTROS DO USO DE
ÁGUAS TERMAIS E A FORMAÇÃO DAS
ESTÂNCIAS HIDROMINERAIS NO BRASIL**

***THE FIRST RECORDS OF THE USE OF
THERMAL WATERS AND THE FORMATION
OF THERMAL CITIES IN BRAZIL***

RESUMO

Trabalho aborda os primeiros registros do uso de águas termais para finalidade terapêutica, o prestígio e a consolidação da prática do termalismo como tratamento medicinal e investiga a forma como a disseminação dessas práticas impulsionaram o desenvolvimento do turismo e a formação das estâncias hidrominerais no Brasil a partir do final do século XIX, explorando, sobretudo a relação entre o traçado urbano e a funções terapêuticas e turísticas dessas cidades.

PALAVRAS-CHAVE

Termalismo no Brasil.
História.
Turismo.



Amanda Cristina Franco

- Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela USP, onde pesquisou o desenvolvimento das estâncias hidrominerais em São Paulo. Foi professora do curso de arquitetura e urbanismo da FMU e arquiteta na Prefeitura Municipal de São Paulo.

CORRESPONDENTE

Amanda Cristina Franco

Calle Ramiro de Maeztu, 7,
28040 Madrid, Espanha.

E-MAIL

pamanda.franco@uol.com.br

Recebido: 30/05/2014

Aprovado: 10/11/2014

ABSTRACT

This paper addresses the first records of the use of thermal waters for therapeutic purposes in Brazil, the prestige and the practical consolidation of hydrotherapy as a medicinal treatment and it investigates how the spread of these practices stimulated the development of tourism and the formation of spas in Brazil from the late nineteenth century, particularly addressing the relationship between the urban layout and the therapeutic and tourist functions of these cities.

KEYWORDS: Hydrotherapy in Brazil. History. Tourism.

INTRODUÇÃO

O início do desenvolvimento das estâncias hidro-minerais no Brasil remonta aos primeiros anos do século XIX, quando foram instaladas as primeiras casas de banho com o intuito de explorar as propriedades medicinais das fontes de águas termais ou radioativas. Embora as virtudes dessas águas já fossem conhecidas e utilizadas de modo empírico por bandeirantes, tropeiros e criadores de gado desde o início do século XVIII, foi somente com a chegada da Família Real, a instalação da corte no país e a disseminação dos hábitos europeus de comportamento que esses núcleos alcançaram projeção e o termalismo passou a se desenvolver.

Ainda que não houvesse nenhum indício da intenção de sistematizar o aproveitamento das fontes para fins terapêuticos até o início do século XIX, suas propriedades curativas, assim como os sítios em que se encontravam, eram bastante conhecidas, não só pela população em geral, mas também por estrangeiros que passaram pelo Brasil. Importante ressaltar o papel desses viajantes na divulgação das propriedades medicinais e na campanha para que se realizassem os primeiros investimentos para o aproveitamento dessas águas. Destaca-se, nesse processo, a figura do francês Auguste de Saint-Hilaire que, tendo viajado por diversas regiões do Brasil nas primeiras décadas do século XIX, descreveu as características e os ambientes onde se encontravam fontes termais nos estados de Santa Catarina, Goiás, São Paulo e Minas Gerais^{1,2,3}.

Interessado na exploração das propriedades terapêuticas dessas fontes, Saint-Hilaire chegou, inclusive, a enviar amostras das águas de Caldas de Goiás para

análise química na França, cujo resultado apontou que elas eram apenas termais e não radioativas “sendo preferíveis, para a cura de moléstias cutâneas e do fígado, as águas do Rio Pardo que se acham a uma légua da estrada de Goiás”³ (p. 15-16). Seus relatos de viagens indicam ainda o conhecimento de várias fontes no país. As águas de Poços de Caldas, chamadas por ele de “águas do Rio Pardo”, são assim descritas na viagem realizada em 1818 pela província de Minas Gerais:

As águas minerais do Rio Pardo não são amargas como as de Araxá, mas tem um gosto de ovo podre muito pronunciado. [...] O sabor dessas águas basta para mostrar que são essencialmente sulfurosas e que, em consequência, poderiam ser empregadas com sucesso no tratamento de moléstias cutâneas, infelizmente tão comuns no Brasil. Não obstante, e ao passo que são muito preconizados os banhos de Caldas Novas e Caldas Velhas, perto de Santa Cruz de Goiás, cujas águas, evidentemente, possuem poucas propriedades medicinais, as fontes do Rio Pardo são totalmente ignoradas, a não ser nas suas próprias vizinhanças, não tendo eu até agora visto nenhum autor mencioná-las. Gostaria de recomendá-las aos administradores da província de São Paulo. Achando-se pouco afastadas de grandes centros de população, como Moji-Mirim, Campinas e Jundiá, elas poderiam ser usadas com grande proveito³ (p. 18)

Aos relatos de viajantes exaltando as propriedades terapêuticas dessas águas e asindicando às autoridades provinciais, unem-se publicações de caráter científico sobre o termalismo que começavam a circular no Brasil, ajudando a difundir essa prática em solo nacional. Em um primeiro momento, destacam-se as obras estrangeiras, datadas do século XVIII, como o livro *An Essay on the Bath Waters*, em que o inglês William Falconer descreve minuciosa e cientificamente as indicações técnicas de banhos

frios e quentes baseado na prática do termalismo desenvolvida em diversas estâncias da Inglaterra, e os livros que exaltam as propriedades terapêuticas das mais famosas estâncias europeias, como o português *Memórias dos annos de 1775 a 1780 para servirem de história à analysi e virtudes das agoas thermaes da Villa das Caldas da Rainha*, de Joaquim Inácio Brandão.

Com a fundação das Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia na primeira década do século XIX, o termalismo passa a ser discutido não mais sobre o ponto de vista empírico, mas com bases científicas e experimentais: são analisadas quimicamente amostras de várias fontes hidrominerais e surgem as primeiras publicações e teses nacionais sobre o tema.

Em 1833, o médico e professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Manoel da Silveira Rodrigues, publica, após passar uma temporada nos Campos das Caldas, sua *Memórias sobre as águas hidro-sulfuradas, quentes ou não; sobre a água virtuosa ou acídula da província de Minas Gerais incluídos seus usos médicos externos e internos*, em que se manifesta contra os “usos populares imprevidentes e não científicos” e reclama beneficiamentos no local que se transformaria depois na vila balnear de Poços de Caldas. Em 1841, Antônio de Maria Miranda e Castro publica a tese *Águas Minerais do Brasil*, amplamente difundida no meio acadêmico e, em 1845, o médico e cientista José Martins da Cruz Jobim, após proceder a análise físico-química de diversas águas de Santa Catarina publica seu *Exame das Águas Minerais de Santa Catarina*.

Entre 1830 e 1860 o termalismo assume grande importância no meio acadêmico e são produzidos diversos artigos e publicações sobre análises de águas minerais realizadas por todo o país. Às teses apresentadas nas faculdades de medicina, como a de Eduardo Correia de Azevedo *Ação Physiológica e Terapêutica da Hydroterapia*, escrita em 1876 e publicada em 1882, e a de Bernardo José Afonso *Será a Hydroterapia um Tratamento Efficaz e Racional? E em que Enfermidade?*, publicada na Bahia em 1856, unem-se manuais práticos como o do botânico e ci-

rurgião mineiro Antônio Ildefonso Gomes *Manual de Hidrossudoterapia ou Directório Para Qualquer Pessoa em Sua Casa Curar-se de uma Grande Parte das Enfermidades que Afligem o Corpo Humano, Não Empregando Outros Meios que Suar, Água Fria, Regime e Exercício*, publicado em 1840, e o do cirurgião e político Francisco Salles Torres Homem *Da Hydroterapia: o Novo Método de Curar pela Água Fria*, publicado em 1843, no jornal carioca de ciências, letras e arte *Minerva Brasiliense*.

A partir de meados do século XIX, são empreendidos, com recursos privados, os primeiros estabelecimentos de hidroterapia no país. Em 1872, o médico de origem italiana Carlos Éboli funda, em Nova Friburgo, o *Instituto Sanitário Hidroterápico*, investindo ainda na construção de um hotel anexo, com capacidade para 180 hóspedes, e intermediando a vinda do paisagista do Imperador D. Pedro II, Augusto Maria Glaziou, para elaborar o projeto da Praça Princesa Isabel. Em 1877, o francês Antoine Court instala em Petrópolis o *Imperial Estabelecimento Hidroterápico*, que tinha como frequentador assíduo o Imperador D. Pedro II. Antes da sistematização das águas termais para fins terapêuticos no Brasil, os médicos indicavam aos pacientes mais abastados cumprir as prescrições do tratamento termal em Caldas da Rainha, Portugal.

A partir da segunda década do século XIX, tornam-se frequentes publicações que, ao mesmo tempo em que ressaltavam as propriedades medicinais e os usos das águas, pregavam auxílio financeiro do governo para o aproveitamento adequado das fontes para fins terapêuticos. Em 1850, o médico Fortunato Raphael Nogueira Penido, após uma temporada de três meses para tratamento de saúde em Poços de Caldas, escreve o livro *Tratado de Medicina e de Outros Variados interesses do Brasil e da Humanidade*, em que ressaltava, na primeira parte, sob o título *Águas de Caldas em Minas*, situação de desleixo em que se acham, suas virtudes salutíferas e regras a observar em seu uso, as propriedades medicinais das fontes de Caldas, a precariedade das instalações de banho existentes e reclamava ao governo geral e provincial, aos depu-

tados do Rio de Janeiro e de São Paulo, auxílio financeiro para o aproveitamento adequado dessas águas e para a construção de “casas de romeiros” em seus arredores.

Paralelamente aos manuais e às publicações de caráter científico recomendando o uso de águas termais ou radioativas para a cura de vários tipos de doença, temos, durante praticamente todo o século XIX, a presença de membros da Família Real Portuguesa passando temporadas em diversas estâncias do país: Petrópolis, no Rio de Janeiro, onde em 1840 é construído o Palácio Imperial de Verão, residência de veraneio oficial da realeza; Caldas da Imperatriz, em Santa Catarina, e Poços de Caldas, em Minas Gerais, visitados por D. Pedro II e pela Imperatriz Tereza Cristina, em 1845 e 1886, respectivamente; e Caxambu, também em Minas Gerais, onde a Princesa Isabel e o Conde D’Eu hospedaram-se por diversas vezes entre 1860 e 1880, tendo, inclusive, construído um *chalet* particular. A estadia de personalidades tão ilustres contribuiu decisivamente para conferir o caráter de prestígio que esses núcleos passariam a ter no século seguinte.

Mais do que prestígio, as visitas constantes de membros da Família Real aos sítios onde se encontravam as fontes de águas medicinais; financiaram e deram impulso às primeiras obras de balneários, hospedarias e infraestrutura. Relatos de doações de membros da corte para as estâncias por que passavam, da adoção de medidas e regras para o uso e manutenção destas e de melhorias realizadas para receber essas personalidades foram bastante frequentes durante o século XIX. Um fato curioso aconteceu em Caldas da Imperatriz, quando João VI assinou o primeiro ato com o intuito de explorar as águas medicinais brasileiras, aprovando a construção de um hospital que aproveitasse os recursos terapêuticos das águas termais ali existentes, ainda em 1818. Na falta de uma legislação que regulamentasse esse tipo de serviço no Brasil – a exploração de fontes termais para fins terapêuticos – firmou-se que o estabelecimento obedeceria às mesmas normas seguidas pela estância de Caldas da Rainha, em Portugal:

[...] Hei por bem aprovar o projeto oferecido pelo governador da sobredita ilha de Santa Catarina, da ereção de um Hospital no lugar daquelas águas, com as convenientes acomodações, abrindo-se em todo este Reino uma subscrição de donativos, para cuja validade sou servido conceder a precisa licença: e para fundo e patrimônio do mesmo Hospital, que ficará debaixo da minha imediata proteção e se regulará pelos estatutos do das Caldas da Rainha no que for aplicável⁴ (p. 32).

Esse mesmo hospital, ainda inacabado em 1845, recebeu a visita de D. Pedro II e da imperatriz Tereza Cristina que, na ocasião, concederam o auxílio de 400 mil réis, utilizados para...

[...] cobrir convenientemente o tanque para banhos, fazer uma casa com quatro alcovas mobiliadas, duas varandas, boa cozinha e mais alguns ranchos; aplinar o caminho e torna-lo transitável para carros; que tinha grande quantidade de madeiras e uma parte destas, já preparada, bem como outros materiais para dar início às obras do Hospital⁴ (p. 36).

As obras de melhorias realizadas por ocasião da vista do Imperador permaneceriam importantes mesmo muitos anos depois. Visconde de Taunay, ao viajar pela região em 1876, declara:

Pouco depois do povoado (de São José da Palhoça), alteia-se um aterro de não pequena extensão, que atravessa um pantanal, mais ou menos alagado conforme o volume das marés; obra feita por ocasião da viagem do Imperador às Caldas e por iniciativa do Coronel Gaspar Neves, que reunindo o povo e dando-lhes sustento, conseguiu transformar o que era de péssima e quase impossível viação. Ficou, pois, esse vestígio proveitoso da viagem imperial⁴ (p. 221).

Também Poços de Caldas e Caxambu, as estâncias hidrominerais mais famosas da segunda metade do século XIX, contaram com estadias periódicas de membros da corte e receberam investimentos significativos ainda no período do Império. Caxambu, antes da Proclamação da República, em 1889, já contava com uma companhia responsável pela exploração de águas, um balneário equipado, calçadas passeios, iluminação pública a gás, estradas de ligação e ferrovia, inaugurada em 1891. Poços de Caldas, ainda em 1952, contratou por Decreto Imperial engenheiros provenientes de companhias inglesas de mineração para a realização de obras públicas. Em 1856, outra Lei Imperial subvencionou o estudo de engenharia em Paris aos jovens mineiros Honório Henrique Soares do Couto e Francisco Salles Quei-

roga, para que estes, ao voltarem, construíssem a “mais moderna estância hidromineral do país”. Nas últimas décadas desse século foi construído o primeiro balneário e realizadas obras de abertura de ruas e alinhamentos, retificação, arborização e estabelecido um código de regulamentação que estipulava normas de altura, pé direito, tamanho de portas e janelas para as habitações.

Em 1884, Dr. Eiras, médico de Petrópolis, assim descreve Poços de Caldas:

[...] Tem uma grande praça, cuja área talvez seja de 300 por 250 metros, e algumas ruas. É naquela que se achão (sic) os edifícios principaes (sic) ocupados por hotéis e casas de negócios. Nestas também se encontram algumas casas boas, armazéns, etc. A sua população fixa é de 1.500 habitantes. Não possui (sic) nenhum templo! Não há comércio, indústria nem lavouras. Os banhos mornos geraes (sic) somente se encontram no estabelecimento termal e os frios a grande distância da cidade. [...] O futuro deste povoado está ligado à pujança de sua natureza, e às suas preciosas águas. Elle (sic) será grandioso dependendo simplesmente do bafejo da civilização que para ahi (sic) será conduzido pela machina (sic) do progresso, o que deverá se realizar nestes 18 a 24 meses. (JORNAL DO COMÉRCIO DO RIO DE JANEIRO, 11/05/1884).

A ausência de templos, comércio, indústria e lavoura, em detrimento da presença marcante de praças e hotéis, diferenciavam significativamente a organização destes núcleos em relação às outras cidades com o mesmo número de habitantes da região nesse período. Essas características já denotavam a especificidade da espacialidade que as estâncias voltadas à cura e ao lazer assumiriam décadas depois.

Assim como na Europa, os deslocamentos e as estadias prolongadas impostas pelo tratamento termal acabaram sendo responsáveis pela primeira fase do desenvolvimento turístico no Brasil. No entanto, apesar do grande fluxo de curistas e turistas, propiciando o desenvolvimento da atividade hoteleira e dos serviços a ela relacionados, essas atividades ainda não estariam completamente organizadas até o final do século XIX, quando muitos doentes ainda preferiam hospedar-se na casa de parentes ou amigos próximos, e os que tinham mais posses geralmente construía suas próprias residências próximas às estâncias. Ainda que a presença de hotéis

e balneários fosse crescente, no momento inicial de desenvolvimento desses núcleos eram recorrentes reclamações da precariedade e da falta de conforto dessas instalações.

A mudança desse quadro só vai ser observada no final do século XIX, com o início do desenvolvimento da hotelaria como serviço especializado no Brasil. Mário Pires, em estudo sobre as origens do turismo nacional⁵, aponta que será apenas a partir de 1880 que os hotéis superarão a função de simples cômodo de pernoite ou hospedagem e passarão a oferecer conforto e serviços diversificados. Tal oferta, que teve início no Rio de Janeiro, logo alcançaria outras capitais, como São Paulo, Recife e Salvador e, no final do século XIX, também as estâncias. A selecionada elite que frequentava esses núcleos impulsionou o desenvolvimento de hotéis de categoria superior “inclusive aos da capital”, oferecendo “apostos e quartos ricamente mobiliados, serviços excelentes, cozinha magnífica e variada adega”⁵ (p.59). Entendidos, em um primeiro momento, por estrangeiros, especialmente ingleses e franceses, e depois por investidores de toda sorte, estes estabelecimentos vangloriavam-se de oferecer o conforto das hospedarias inglesas e a tradição da cozinha francesa. Cardápios nessa língua, oferecendo “diners et soupers très bien servis à l’heure (sic)” ou “um bom valet de chambre français, coinnassant aussi la cuisine cherche une place (sic)”, eram bastante comuns.

Ainda segundo Pires⁵, um momento chave na hotelaria no Brasil, foram os anos que sucederam a proclamação da República, quando aconteceram transformações urbanas de grande porte nas mais importantes cidades do país e foram criadas novas condições econômicas, permitindo a oportunidade de viajar a parcelas cada vez maiores da população. Os primeiros anos do século XX, nesse contexto, foram paradigmáticos. As estâncias hidrominerais passaram a se apresentar como núcleos prósperos, muitas delas com filiais das principais casas bancárias e comerciais da capital e hotéis de excelente padrão, muitos dos quais passariam a ser dirigidos por experientes profissionais europeus a partir de 1917, quando, por ocasião da guerra, o Brasil acolheu os

estrangeiros exilados como mão-de-obra qualificada em diversos setores.

Nesse sentido, o período entre guerras foi particularmente fértil para o desenvolvimento das estâncias no Brasil. Além de incorporar profissionais estrangeiros que passariam a trabalhar nos serviços especializados de hotéis, cassinos e balneários – já bastante consolidados na Europa –, a impossibilidade de viajar para o exterior, devido aos combates em terra e mar, fizeram com que as estâncias nacionais se apresentassem como a única opção de lazer para as famílias mais abastadas. Assim, para atender a essa seleta clientela, as estações de águas se viram obrigadas a oferecer serviços e conforto de padrão internacional.

Assim como na Europa, o prestígio e o glamour das estâncias brasileiras das primeiras décadas do século XX foram frequentemente retratados em periódicos e publicações da época. A descrição e a imagem de luxuosos edifícios, bem como a sociabilidade específica que se desenvolveu nesses núcleos, foram exploradas em romances, contos, folhetins e artigos publicados em revistas voltadas às áreas de medicina, turismo e arquitetura. Dessa forma, até mesmo pessoas que jamais teriam condições econômicas de passar temporadas nessas cidades na época tinham conhecimento, através da leitura de periódicos de grande circulação, do cotidiano e do ambiente de exceção que nelas se desenvolveu.

O ambiente de exceção representado pela vilegiatura nas estâncias também foi explorado em romances, contos e poemas produzidos por importantes escritores desse período. Coelho Neto publica, em 1904, *Água da Juventa*, descrevendo o cotidiano de uma estância hidromineral da época⁶. Jurandir Ferreira, escritor de Poços de Caldas, alcança fama com seus livros *Da Quieta Substância dos Dias*⁷ e *Um Ladrão de Guarda-Chuvas*⁸, em que retrata, a partir de uma estância fictícia, a vida festiva e excepcional das estâncias no Brasil. Também o cronista carioca João do Rio, famoso pelas descrições detalhadas das sofridas pelo Rio de Janeiro, capital federal de então, na virada do sécu-

lo, passou duas temporadas em Poços de Caldas, a primeira em 1905, e a segunda em 1917, quando elaborou diversos contos e o famoso romance epistolar *A Correspondência de uma Estação de Cura*⁹, retratando com ironia o mundo de glamour e exceção das estâncias. A exemplo de Charles Dickens, João do Rio vai abordar com uma crítica ácida ao comportamento da alta sociedade e à sociabilidade específica que se desenvolveu nas estâncias hidrominerais no início do século XX.

As estações de águas eram uma espécie de festa prolongada para os que nela iam passear e ali viviam em um mundo diferente. Membros da dita “boa sociedade” proveniente das grandes capitais ou personalidades do interior, condes, condessas e marquesas, figuras importantes da política, industriais e prósperos comerciantes se misturavam aos artistas itinerantes de segundo plano, às “mulheres de vida fácil”, aos banqueiros de roleta e carteados e aos jogadores profissionais ou aventureiros, envolvendo-se em uma teia onde se desenrolavam namoros, formavam-se noivados sensacionais, estouravam-se escândalos e perdiam-se fortunas no “pano verde”. Segundo João do Rio

A estação de cura no Brasil era o caos de uma grande cidade abrindo em vício num local ingênuo, onde encontrava-se toda a gente de festas e toda a gente menos boa (sic) do Rio e de São Paulo. [...] O cérebro de cada um continuava preso ao Rio ou a São Paulo, a conversa só crescia de animação quando se falava da gente do Rio ou de São Paulo. Falava-se em geral muito mal dos ausentes⁹(p.4).

De fato, ainda que localizadas no interior do país e que seu desenvolvimento tenha sido frequentemente associado a uma alternativa ao congestionamento e à paisagem contaminada das grandes cidades que começavam a surgir, as estâncias estavam bem distantes de representar um ambiente rural ou campestre. Eram cuidadosamente planejadas para conformar uma extensão da sociabilidade das grandes cidades, um espaço construído para uma parcela restrita da população, acostumada a frequentar as famosas estações de cura da Europa.

Os hotéis, cassinos e clubes finamente ornamentados encontrados nas estâncias não remetiam exatamente a um ambiente campestre. Era no interior

destes onde melhor se podia observar a sociabilidade específica que se desenvolveu nas estâncias. O contato e a intimidade entre membros de classes sociais privilegiadas eram logo estabelecidos:

Dois dias depois a gente tem a impressão de que vive há anos no casarão do hotel. Já sabe todos os nomes, todas as histórias secretas, todas as intimidades. Homens antes desconhecidos comunicam segredos privados num mútuo abandono. [...] Passado o primeiro domingo, já nem mesmo se oculta o mal que leva ao hotel. As descrições, ao contrário, são feitas com detalhe e minúcia e, por mais nauseantes que sejam acabam achado a cousa mais natural do mundo – onde os são infelizmente rareiam mais⁹ (p. 71-2).

Se, por um lado, nos hotéis de luxo hospedavam-se apenas “políticos, fazendeiros e comerciantes, principalmente negociantes portugueses”⁹ (p.5), nos cassinos acontecia a aglutinação dos mais distintos grupos sociais.

[...] era a mistura mais completade que havia memória: dançavam, comiam, jogavam, etc. Os *chaffeurs* e os deputados, os roleteiros gatunos do interior e osmoços milionários de São Paulo, as mulheres mais sem vestido e as mais cheias de joias⁹ (p. 23).

Não só em Poços de Caldas, mas na maior parte das estâncias termais os cassinos foram os grandes responsáveis pela movimentação do significativo contingente turístico e das vultosas quantias de dinheiro que circulavam. O lucro obtido com essa atividade financiou grande parte da infraestrutura e dos equipamentos que foram construídos nas estâncias na primeira metade do século XX. Nesse período, havia cassinos para todos os tipos de bolsos e em todos os pontos dessas cidades, desde os mais luxuosos, nas dependências dos hotéis, até os mais modestos, nos fundos dos estabelecimentos comerciais, nos quais se podia jogar “qualquer moeda”⁹ (p. 50).

Os cassinos, edifícios emblemáticos das estâncias, foram frequentemente retratados nas obras literárias da época segundo o requinte de sua arquitetura e de sua sociabilidade. Permitidos apenas nas estâncias balneárias e hidrominerais, tinham um importante papel na divulgação da imagem dessas cidades como centro de lazer. Além dos jogos de azar, era palco também de festas e de apresentação de artistas famosos. Em 1946, quando o decreto do

então presidente Eurico de Gaspar Dutra ordenou o fechamento destes alegando motivos morais, existiam nas estâncias 71 cassinos oficialmente, que empregavam cerca de 60 mil pessoas.

Entre os anos de 1920 e 1940, período áureo das estâncias no Brasil, era frequente encontrar nos jornais de grande circulação artigos assinados por médicos ou especialistas da área de saúde exaltando o termalismo e relatando casos de cura a partir de banhos e ingestão de águas radioativas em diversas estâncias. Não por acaso, também foi nessa época que começou a ser publicado nas revistas e nos jornais das capitais e das principais cidades do interior do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Minas Gerais anúncio de vendas de lotes para casas de veraneio em diversas estâncias.

Os jornais foram, provavelmente, os principais responsáveis pela divulgação destas cidades no país e pelo sucesso dos empreendimentos imobiliários nelas realizados. Um exemplo disso foi o jornal *Caldas de São Pedro*, criado pelos empreendedores da estância paulista de Águas de São Pedro em 1936 que, com grande circulação em toda a região de Piracicaba, tinha a intenção implícita de divulgar o desenvolvimento das obras em andamento na estância e exaltar as propriedades terapêuticas das águas da cidade. Além das notícias da região e de anúncios de vendas de lotes, eram publicados semanalmente artigos do médico Gualberto Magalhães sobre o termalismo, e os resultados positivos que estavam sendo obtidos a partir do uso das águas de São Pedro.

Outro veículo importante de divulgação da imagem de cidades turísticas e do fértil campo de incorporação e circulação de ideias arquitetônicas e urbanísticas que representavam as estâncias hidrominerais, na primeira década do século XX, foram as matérias publicadas, entre 1941 e 1942, na revista de arquitetura *Acrópole*. Na edição de abertura desta sessão, em maio de 1941, o artigo *Acrópole e o Hidro-Climatismo Brasileiro* justificava tal iniciativa:

O hidro-climatismo, tal como pretendemos divulgá-lo, cingir-se-à às grandes iniciativas públicas e particulares nas estâncias de veraneio. Acrópole, cujo programa é difundir o que é nosso, o que é brasileiro, no setor arquitetônico-urbanístico,

encontrará nas cidades climáticas um novo e rico campo de difusão – um punhado de fecundas realizações de nossos dirigentes – ansiosos por dotar o Brasil dos recursos necessários ao turismo pátrio e nacional. Boas estradas, melhoramentos urbanos e colônias de férias já são primórdios desse edificante programa. Belos e confortáveis hotéis, cassinos, balneários e pitorescos fins de semana já são índices eloquentes das atividades públicas e privada. Acompanhando bem de perto esse novo setor brasileiro, Acrópole tudo fará para proporcionar aos seus leitores e assinantes mais alguns momentos de instrutivos e sadios princípios higiênico-urbanistas.

Ainda que as matérias apresentadas tivessem certo caráter propagandístico, exaltando suas qualidades paisagísticas, noticiando a construção de modernos edifícios de hotéis, restaurantes e balneários em estâncias paulistas, mineiras e cariocas, não podemos deixar de notar o destaque dado nesse pequeno texto ao *rico campo de difusão* representado pelas estâncias para o desenvolvimento das propostas nacionais. São ressaltadas ainda a atividade turística desse núcleo e seus serviços especializados, bem como os notáveis investimentos públicos e privados que estavam sendo aplicados em seu desenvolvimento.

De fato, na primeira metade do século XX, as estâncias que até então não passavam de pequenos núcleos habitacionais, raramente contando com mais de cinco mil habitantes, transformar-se-iam em modernos centros de cura e lazer através de modificações profundas em sua paisagem. Seguindo as intervenções que estavam ocorrendo nas capitais e impulsionadas pelo turismo crescente dos primeiros anos do século XX, essas cidades construíram hotéis confortáveis, cassinos luxuosos e realizaram suas principais obras de infraestrutura, como serviços de água e esgoto, abertura e calçamento de ruas, avenidas, praças e a canalização de rios e ribeirões.

Destaca-se, no processo de formação e construção das estâncias nesse período, a participação de engenheiros e arquitetos de renome no debate urbanístico e arquitetônico nacional, e também a colaboração de médicos e higienistas definindo, em conjunto, as diretrizes e o caráter das intervenções. Assim, ao mesmo tempo em que temos a atuação de profissionais como Barry Parker (1918), Saturnino de Brito e Dierberguer (1927) em projetos de sane-

amento, abastecimento de água e paisagismo para Poços de Caldas; de João Florence de Ulhôa Cintra e Dubugras para urbanismo, arquitetura e paisagismo em Água da Prata (1923) e Hippolyto Gustave Pujol Jr. para o urbanismo de Lambari (1933) e Águas da Prata (1947), temos também a participação de médicos como Pedro Sanches (Poços de Caldas), Francisco Tozzi (Águas de Lindóia) e João de Aguiar Pupo (Águas de São Pedro, Águas de Lindóia e Águas da Prata) definindo não apenas as premissas higiênicas e sanitárias pelas quais os planos para essas cidades deveriam se guiar, mas também interferindo de maneira significativa na disposição, organização e arquitetura dos edifícios e do traçado urbano.

A importante participação de médicos no processo de planejamento dessas cidades pode ser comprovada em artigos de época e nos memoriais descritivos dessas cidades. Localização, implantação e organização interna de hotéis, balneários, áreas livres, parques e zonas residenciais eram frequentemente determinados a partir de pareceres emitidos por esses especialistas, que discursavam também sobre o caráter e o funcionamento dessas estâncias.

Com o intuito de buscar referências urbanísticas, arquitetônicas e técnicas, em relação ao funcionamento dos balneários, médicos, políticos e engenheiros realizaram, na primeira metade do século XX, diversas *viagens de estudo* às estâncias europeias, buscando colher informações para a construção dessas cidades no Brasil. Poços de Caldas enviou médicos, políticos e engenheiros à Europa em 1901 e em 1927 para pesquisar o modelo de estância e de aparelhamento que deveria ser utilizado nas reformas urbanísticas e na construção do novo balneário da cidade.

Nessas viagens, era observado e minuciosamente relatado, através de relatórios ou diários de viagens, o funcionamento das estâncias europeias em seus aspectos técnicos, funcionais e também sociais. O principal objetivo era descrever e pormenorizar os equipamentos e as técnicas utilizadas nos balneários e institutos crenoterápicos, e também registrar impressões da arquitetura dos principais edifícios: balneários, cassinos e hotéis; da implantação e da

organização destes – geralmente em meio a grandes parques para, desta forma, fornecer subsídios aos projetos que se pretendiam implantar nas estâncias brasileiras. O ambiente de exceção que marcava o cotidiano dessas cidades – desde espetáculos e atividades nos cassinos, clubes e teatros à vida festiva que se encenava nos passeios públicos e parques –, também foram detalhadamente descritos e discutidos nos relatórios de viagens apresentados.

Um dos mais importantes registros dessas *viagens de estudo* realizadas às estâncias europeias no início do século XX, com a intenção de extrair informações para a organização das estâncias brasileiras, é o relatório da viagem empreendida em 1901 pelo médico Pedro Sanches de Lemos, de Poços de Caldas, às famosas estações de cura de Aix-les-Bains, Baden-Baden, Bagnes de Luchon, Vichy e Montecatini. As anotações de Lemos descreviam não apenas aspectos técnicos relacionados ao funcionamento dos balneários mas, principalmente, o ambiente e o cotidiano diferenciado dessas cidades:

Médico, fui ver na Europa os progressos da terapêutica hidroterápica. Estudei e comparei, e disse o que vi e como vi, tendo em vista ser útil em geral ao mau país, e em particular ao meu Estado. Possam agora soprar outros ventos mais propícios, que façam com que Poços de Caldas, uma das gemas mais preciosas do Brasil, encravada no fertilíssimo solo mineiro, atinjam em breve, sob o imprescindível impulso do governo do Estado, a altura que tem infalivelmente que chegar mais cedo ou mais tarde, não só pela virtude de suas águas, como também pela excelência de seu clima e pela vitalizadora e amena beleza de seu aspecto¹⁰ (p. 23).

Lemos foi provavelmente a personalidade mais expoente de Poços de Caldas entre o final do século XIX e início do século XX. Suas habilidades profissionais foram procuradas por figuras importantes do meio político e cultural – como D. Pedro II, Antônio Prado, Conde do Pinhal, Olavo Bilac, Ruy Barbosa, Coelho Neto e João do Rio, entre outros. Seus conhecimentos foram frequentemente requisitados no processo de construção da cidade. Médico, e também político, a viagem empreendida por Lemos à Europa tinha um duplo sentido: adquirir conhecimentos e informações sobre as técnicas terapêuticas baseadas no termalismo que estavam sendo realiza-

das na Europa e apresentar parâmetros para direcionar os princípios pelos quais deveriam se pautar a construção do edifício balneário e as reformas que se pretendiam realizar na estância nesse período.

Quando no dia 8 de julho, às 6 da tarde, tomei em Toulouse o trem que me devia levar a Luchon, onde estaria às 10 horas e meia da noite, senti a mais profunda emoção: ia realizar o sonho dourado de toda a minha via, que era ver a Rainha dos Pirineus, estudá-las nas suas mínimas particularidades, conhecer o que era uma estância balnear sulfurosa, resolver, finalmente, todas as questões que se prendiam ao beneficiamento de Poços de Caldas, esse recanto abençoado do estado de Minas Gerais, ao qual tinha consagrado todos os parcos recursos do meu intelecto e todas as energias do meu espírito! Sobravam-me, portanto, motivos para que sentimentos diversos me trabalhassem o espírito no momento da partida e durante a viagem. Mas quando saltei na gare, me meti num carro e comecei a percorrer a Avenida d'Etigny, envolvido no perfume das flores de tília, em demanda do Hotel Continental, a emoção embargou-se a voz e os olhos arrasaram-se de lágrimas: ah, eu estava em Bagnes de Luchon!¹⁰

A característica que provavelmente mais tenha impressionado Lemos, ressaltada por diversas vezes em seus relatos, foi o ambiente extremamente diversificado que se desenvolveu nas estâncias europeias: os cassinos, as festividades organizadas nos espaços públicos, o cuidado e a beleza das ruas e dos hotéis. A possibilidade de distração oferecida aos curistas e turistas, bem como o glamour desses ambientes cuidadosamente planejados, fascinavam o médico caldense:

A vida em Aix-les-Bains é toda prazer. Ali as festas sucedem umas às outras, e os concertos, executados por orquestras de 150 professores escolhidos entre os melhores do mundo, se ouvem no parque-jardim do Cercle de la Vila das Flores em várias horas do dia. Acabado um concerto sempre admirável, basta só que a gente mude de lugar para ouvir outro. Os cassinos estão luxuosos e ricamente instalados, com salas de teatro, onde os melhores artistas de Paris vão exhibir-se, em companhias que são líricas, dramáticas, cômicas, equestres, ginastas e mímicas¹⁰.

Os ambientes cuidadosamente tratados e as atividades de lazer eram considerados por Lemos elementos complementares ao tratamento termal, “animando os humores dos curistas”¹⁰, e também atrativos essenciais a essas cidades, impulsionando turistas e movimentando a sua economia. Segundo as anotações do médico, a variedade de divertimento ofereci-

da nas estações europeias fundia-se perfeitamente à finalidade terapêutica que induzia os doentes a esses sítios. Os cassinos, para Pedro Lemos, eram um “mal necessário”, um “vício que produzia um efeito útil – o dinheiro”, com o qual se poderim manter as estâncias de cura. Afinal, nem todos os que frequentavam essas cidades eram doentes, muitos se dirigiam a elas apenas pelos prazeres do ócio e do divertimento.

Sem jogatina não se mantém uma estação balneária, salvo se os governos as quiserem carregar as costas, como Baden-Baden e Wildbad, que custam o couro e o cabelo aos governantes. [...] Serão doentes todos os visitantes de Vichy? Certo que não. Na enorme massa de frequentadores da pérola do Allier há muita gente que lá vai para arejar, para distrair-se, para jogar, para fazer turismo: Vichy, no verão (assim como Aix-les-Bains), não passa de um prolongamento dos grandes boulevares de Paris. Quem está lá, toma banho todos os dias, até duchas, ainda que não faça estação. A moda obriga a isso. [...] Baden-Baden é um produto da elegância francesa de mãos dadas com a jogatina [...] Como se sabe, uma estância balnear consta do estabelecimento; da casa de conversação ou cassino, do *thinkhalle* ou casa para beber-se água mineral e fazer-se exercício, à medida em que se bebem os copos de água receitados pelos médicos; do teatro, que pode ser apenso à sala de conversação; do parque, onde se deve encontrar o chalet destinado à orchestra (sic); e dos passeios nos arredores do povoado – cousas (sic) todas que convergem para um fim: distrair os visitantes, fazê-los esquecer os cuidados tristes, tornar-lhes a vida cômoda, elegante, agradável e feliz¹⁰.

Assim, depois de três meses excursionando pelas mais famosas estâncias europeias, anotando e recolhendo informações, Lemos retorna ao Brasil e publica um relatório detalhado de sua viagem. Nessa publicação, mescla notas de caráter técnico e pessoal e especifica equipamentos e modificações que deveriam ser implantados em Poços de Caldas, a partir de suas observações. Além de questões técnicas, especificando maquinário e a maneira adequada de instalá-los, e de indicações gerais, apontando os edifícios que a estância deveria possuir e a implantação destes, as anotações de Pedro Sanches de Lemos referiam-se também ao aspecto físico da cidade. Segundo ele Poços de Caldas “deveria ser como as estâncias da Europa, surgir do meio das verduras e das flores”¹⁰. De fato, a década que sucede a viagem de Lemos à Europa é marcada pela construção de luxuosos hotéis, balne-

ários, cassinos, parques e praças em Poços, intervenções determinantes para o prestígio que essa estância obterá na primeira metade do século XX.

Significativa também foi a recorrência, nos projetos para as estâncias hidrominerais, de concepções urbanísticas europeias, em especial do ideário inglês de cidade-jardim, formulado por Ebenezer Howard no final do século XIX, e de suas derivações como subúrbio-jardim, difundido nas primeiras décadas do século XX, principalmente nos Estados Unidos. A proposta de criação de um novo tipo de cidade, com características distintas em relação aos centros urbanos tradicionais, preconizando uma integração entre campo e cidade, com grandes áreas verdes permeando seu tecido e também o sistema viário com avenidas-parque e boulevares arborizados, parecia adaptar-se perfeitamente às características espaciais diferenciadas que se buscava implantar nas estâncias hidrominerais com a intenção de atrair turistas e curistas. Esse urbanismo singular era um importante agente promotor desses núcleos, atraindo uma parcela socialmente privilegiada da população, interessada em usufruir da qualidade ambiental oferecida. Referências à concepção de cidade-jardim eram frequentemente encontradas não apenas nos memoriais descritivos apresentados junto aos planos para essas cidades, mas também em diversos veículos de comunicação que divulgavam esses projetos.

Em 1933, após o lançamento da pedra fundamental da estância hidromineral paraibana de Brejo das Freiras, pelo então presidente Getúlio Vargas, o periódico de circulação diária A União publica:

A futura estação termal de Brejo das Freiras será uma verdadeira cidade bosque. No desenvolvimento do seu plano de urbanização, o arquiteto Nestor Figueiredo procurou aproveitar o pitoresco da região para projetar uma cidade que estivesse plenamente de acordo com as condições mesológicas do sertão nordestino. A nota verde predominará sempre. [...] Quando em um futuro próximo contemplarmos entre bosques e saneada sobre as águas tranquilas de Pilões a cidade que irá surgir, louvaremos ainda mais a ideia transformada em fato de dotar a Paraíba de um centro moderno de cura pelas águas e repouso (O LANÇAMENTO... 07/set/1933).

Como na maior parte dos projetos apresentados para as estâncias na década de 1930, a cidade

foi dividida em apenas três zonas: a residencial, com mil lotes, a comercial, restrita a dois quarteirões e a de parques e jardins, projetada posteriormente por Burle Marx, onde se inseriam os edifícios e os equipamentos relacionados ao termalismo. O padrão urbanístico diferenciado, com baixa densidade habitacional e extensas áreas verdes, era garantido por rígidas normas restritivas: a taxa de ocupação máxima dos lotes residenciais era de 25%, com exigência de recuo frontal e lateral de cinco metros.

A recorrente citação ao modelo de cidade-jardim indica a importância da presença da natureza nas estâncias. A divulgação dessa característica agia como um importante elemento promotor desses empreendimentos, atraindo um público selecionado, interessado em usufruir a qualidade ambiental diferenciada oferecida pelas estâncias. Construídos como empreendimentos de caráter lucrativo era fundamental que esses núcleos apresentassem características que os diferenciasssem das cidades tradicionais.

Foi nessa perspectiva, de criar um ambiente diverso e de qualidade, que várias outras ideias relacionadas ao urbanismo, à arquitetura e ao paisagismo que circulavam no meio profissional da época também encontraram ressonância nos projetos apresentados para as estâncias hidrominerais brasileiras na primeira metade do século XX: parques e *cottages* inspirados na tradição inglesa, formas inspiradas no Movimento *City Beautiful*, traçados orgânicos acompanhando e valorizando a topografia do terreno, entre outros.

De fato, a tradição arquitetônica e urbanística inglesa esteve bastante presente nas propostas para as estâncias brasileiras. Não só pela concepção de cidade-jardim, mas também pelos chalés em estilo *cottage*, encontrados, sobretudo em Petrópolis e Poços de Caldas, pelo *jardin anglais*, cuja “desordem arrumada”, como lembra Alain Corbin (1998), tão bem se adequou aos imperativos do termalismo e pela própria organização e implantação dos estabelecimentos balneários, que como prática medicinal e social moderna, foram restaurados pelos ingleses. Giberto Freyre, em estudo sobre a influência inglesa no Brasil do século XIX¹¹, destaca a propagação,

entre as classes privilegiadas, da moda britânica das chácaras de lazer nos arredores das cidades, onde frequentemente eram edificadas chalés ao estilo inglês, recuados do alinhamento e com afastamentos laterais, em meio a jardins de traçados “sinuosos e acolhedores”. A disseminação de modelos ingleses é ressaltada por Freyre, sobretudo em relação às formas de sociabilidade que se desenvolveram de forma particular nas estâncias, como o chá das cinco, o *footing*, os esportes ligados ao campo, as festas mundanas e tantos outros.

A recorrência a um paisagismo de formas sinuosas e pinturescas e ao modelo inglês de Cidade-Jardim nos projetos realizados para as estâncias nacionais, também refletia a preocupação em atribuir a esses núcleos um urbanismo de características diferenciadas, profundamente marcado pela presença do verde, no qual se julgava poder desenvolver perfeitamente as atividades de cura e de repouso. A preocupação com a construção cuidadosa da paisagem e com a presença ostensiva da natureza no tecido urbano dessas cidades foi uma constante nas propostas urbanísticas apresentadas e acabou se tornando um elemento importante no processo de divulgação e assimilação da imagem das estâncias no Brasil.

No caso específico das estâncias hidrominerais, ainda que o processo de incorporação dessas concepções tenha sofrido diversas reinterpretações, devemos ressaltar a qualidade urbanística, paisagística e arquitetônica que resultou do agenciamento dessas ideias que, hoje, mesmo com o arrefecimento da atividade turística e termal desses núcleos, pode ser facilmente reconhecida.

O glamour dessas cidades, de características espaciais diferenciadas, construídas e planejadas visando uma classe social privilegiada permaneceria no Brasil até o final da Segunda Grande Guerra. A partir da década de 1940, o desenvolvimento da farmacologia, de novas técnicas cirúrgicas, a descoberta da penicilina e de outros medicamentos de maior eficácia que o termalismo, aliado ao fechamento dos cassinos, decorrente da proibição dos jogos de azar no país, em 1946, levaram ao declínio da atividade turística das estâncias.

Segundo Stélio Marras, em estudo sobre o desenvolvimento da estância de Poços de Caldas¹¹, nessa época “o deus Baco se separa definitivamente de Esculápio” – desvinculada a atividade de entretenimento principal as estâncias de sua função de cura, esses pequenos núcleos não tiveram mais força para sobreviver. A concentração de empreendimentos imobiliários e o turismo destinado às classes mais abastadas passaram a se desenvolver

junto às orlas marítimas – especialmente em Santos e no Guarujá. Ainda que, a partir da década de 1940, o governo tenha intensificado a aplicação de verbas para melhorias nas estâncias hidrominerais e que uma nova classe social, formada por trabalhadores de classe média, passasse a ter condições de frequentá-las, o prestígio e o caráter diferenciado que detinham esses núcleos, nunca mais assumiriam a mesma proporção.

FORTE DE FINANCIAMENTO

Nenhuma

CONFLITO DE INTERESSES

Declara não haver

REFERÊNCIAS

1. Saint-Hilaire A. Viagem à Província de Santa Catarina, 1820. São Paulo: Nacional, 1936.
2. Saint-Hilaire A. As Fabulosas Águas Quentes de Caldas Novas. Goiânia: Oriente, 1971.
3. Saint-Hilaire A. Viagem à Província de São Paulo. São Paulo: Martins, 1972.
4. Taunay V. Águas Termas da Província de Santa Catarina. In: Taunay V. Céus e Terras do Brasil. São Paulo: Melhoramentos, 1948.
5. Pires MJ. Origens do Turismo no Brasil. São Paulo: Manole, 2001.
6. Netto C. Água de Juventa. Porto: Chardron, 1925.
7. Ferreira J. Da quieta substância dos dias. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 1997.
8. Ferreira J. Um ladrão de guarda-chuvas. São Paulo: Nova Alexandria, 1995.
9. Rio J. A correspondência de uma estação de cura. São Paulo: Scipione, 1992.
10. Lemos PS. Notas de viagem. Na Alemanha, na Suíça, na França. São Paulo: Typographica Salesiana, 1903.
11. Freyre G. Os Ingleses no Brasil: aspectos da influencia britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura no Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.
12. Marras SA. A Propósito de Águas Virtuosas: formação e ocorrência de uma estação balneária no Brasil. Dissertação de Mestrado – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.